



SARAU DA COSTEIRA: UM EVENTO-MOVIMENTO COMUNITÁRIO QUE ARTICULA RESISTÊNCIA E SABERES

Cleo Santos Affonso¹

Lucas Rodrigues Menezes²

Raissa Cristina Rodrigues Damazio³

Adriana Angelita da Conceição⁴

O Sarau da Costeira configura-se como um evento-movimento comunitário (Daeni, 2023, p. 10) de caráter artístico, cultural e educativo, vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como projeto de extensão desde 2023. O projeto nasceu e segue atuante no bairro Costeira do Pirajubaé, localizado na região central da cidade de Florianópolis, próximo à Universidade. A partir da promoção de práticas artísticas e culturais, o Sarau destaca-se pela sua atuação periódica, com pelo menos quatro edições por ano, com especial ênfase na promoção do desenvolvimento humano e infantil, em consonância com os princípios da educação popular.

A sua gênese remonta a 2018, período em que o cenário político nacional se caracterizou por profundas tensões, especialmente com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República. Este contexto, marcado pelo avanço de forças autoritárias e conservadoras, desencadeou um senso de urgência em uma liderança cultural do bairro que, ciente da necessidade de ampliar os espaços de denúncia e interação comunitária, buscou aliadas e aliados para a luta, constituindo assim um grupo de trabalho com a juventude “do rap” moradora do bairro e estudantes da UFSC. Assim, o Sarau da Costeira surge como uma resposta coletiva, com a luta engajada e ativa de moradores e trabalhadores, à necropolítica (Mbembe, 2018) institucionalizada, focando na organização social e no fortalecimento de ações e relações comunitárias.

Apresentar o Sarau da Costeira é uma tarefa complexa, seu alcance, atribuições, realizações e objetivos são abrangentes e se estendem em muitas áreas. Dessa forma, as (o) autoras deste texto, de forma cuidadosa, conceberam que existem três categorias que se

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFSC. Bolsista do PET Pedagogia – UFSC.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da UFSC. Bolsista do PET Pedagogia – UFSC.

³ Graduando do Curso de Pedagogia da UFSC. Bolsista do PET Pedagogia – UFSC.

⁴ Professora Doutora do Magistério Superior na Universidade Federal de Santa Catarina e tutora do PET Pedagogia – UFSC.



mantém como base-lar desse movimento: Território, Educação Antirracista e Luta de Classes. Apresentaremos então como esses eixos são o tripé impulsionador do projeto.

Sua localização é um ponto crucial, a cidade de Florianópolis, localizada no sul do Brasil, conhecida popularmente como “Ilha da Magia” - seu apelido se dá por características do folclore local - mas quando analisamos o contexto que a cidade vive, vemos a magia se restringir às lendas populares, já que um dos pontos fortes da cidade é a exploração do turismo e a ilusão vendida pelas políticas elitistas de que a cidade é caracterizada pelo lixo zero, sem violência e com políticas públicas eficazes, um grande paraíso que não possui pobreza, miséria e morte. Em outras palavras, é vendida como uma cidade de brancos para brancos - no senso comum, é cotidiana a afirmação de que no sul do país e em Florianópolis não existem negros. Neste contexto, afirmamos que a cidade vive sobre a lógica de políticas higienistas agressivas, onde não há o direito de ocupar os espaços públicos, pela imposição de toque de recolher ordenado pela polícia militar e comunidades desassistidas que não são alvo das melhorias trazidas para o município. Assim, para essa análise trazemos a discussão do artigo “A cidade em (re)configuração: Eugenia, Higiene e Saneamento em Florianópolis (1918-1930)”, onde Germinatti (2024) faz uma análise sobre o cenário urbano da capital catarinense e a construção da cidade no século XX.

Populações já historicamente excluídas foram deslocadas para áreas periféricas, intensificando suas condições subalternas. A remodelação urbana empreendida em Florianópolis sucedeu-se a partir da criação de uma nova cidade sobre uma já existente. É digno inferir que aliado ao desejo de remodelação urbana, estava em ação uma política de branqueamento da nação, que vinha desde o pós-abolição (1888), acompanhada dos incentivos imigratórios em atrair europeus ao Brasil, produzindo uma miscigenação. Os discursos de reformas e melhorias das condições sanitárias da cidade impuseram novos ritmos e formas à cidade, e concomitantemente, incidiram sobre os mais pobres (negros; indígenas) as marcas da exclusão. (Germinatti, 2024, p. 4 e 5).

Neste sentido, é de suma importância problematizarmos o Sarau da Costeira, como evento-movimento, sobretudo, por acontecer na “Pista de Skate” do bairro, local que frequentemente é estigmatizado por uma parcela da população, justamente por ser frequentado pela juventude negra e periférica, como skatistas e rappers.

Nesse contexto, percebe-se que a comunidade carece de alternativas concretas e efetivas para atividades de lazer, cultura e educação. As poucas estruturas existentes, como as duas escolas básicas da localidade, encontram-se atualmente fechadas - uma em reforma e



outra, a mais velha do bairro, onde algumas gerações se formaram, abandonada desde maio de 2019, quando foi fechada por conta de problemas estruturais (G1, 2019). Nesta última, no entanto, o ginásio de esportes ainda é utilizado para as atividades esportivas do Programa Bairro Educador, projeto de educação não formal da prefeitura de Florianópolis (PMF, 2022). De forma contraditória e privilegiada, contudo, a atuação do Estado se faz notar sem reservas na área da segurança pública, operando sob a lógica da famigerada e falida política de “Guerra às Drogas” (Vicenzo, 2021), que não oferece alternativas de desenvolvimento humano, educacional ou cultural para a comunidade local. A ação do Sarau, portanto, busca preencher esta lacuna ao se comprometer com a construção de ações coletivas que ocupem os espaços que são da comunidade.

O projeto desde seu início em 2018, vem colhendo grandes frutos através da movimentação cultural: hoje a pista de skate está reformada e pulsante - muito por conta também da ação da Associação dos Skatistas da Costeira do Pirajubaé (ASCOP), parceira histórica do Sarau -, se tornando a cada dia um espaço cultural de referência na região, ocupado por diversos grupos. Ampliando assim o acesso à arte, à cultura e à formação crítica, além de promover a interação social entre os moradores.

A partir desse contexto, podemos nos debruçar sobre o segundo aspecto do projeto, a Educação Antirracista- sobretudo da próxima geração, que dará continuidade ao legado de luta e cultura da classe trabalhadora.

Nesse sentido, ganha destaque a preocupação com as crianças da comunidade. Como vimos, as políticas públicas municipais, ao estarem alinhadas aos interesses econômicos e políticos da elite local, acabam por criar a escassez nas periferias e a concentração de investimentos nos bairros nobres - a urbanização corporativa (Santos, 2005) -, produzindo um cenário de ausência de bibliotecas, centros culturais e opções de lazer e entretenimento no bairro. Dessa forma, o coletivo do Sarau da Costeira sentiu-se responsável também pela educação de suas crianças, compreendendo que o desenvolvimento infantil pleno está absolutamente condicionado ao acesso à maior quantidade possível de estímulos e recursos artísticos e culturais. Por isto, entre as 25 edições já realizadas, marcaram a praça do bairro atrações como: apresentação de circo, com palhaço de mestre de cerimônia e muito malabarismo; mostra de curtas infantis; oficina de argila; oficina de maracatu; oficina de dança; batalhas de rima e campeonatos de poesia; exposição da produção e pesquisa de cursos de graduação da UFSC em formato de feira de profissões, com materiais diversos da



Arquitetura, animais taxidermizados - empalhados, no dizer popular - de todos os tipos pelos laboratórios da Biologia entre outros cursos; contação de histórias da cultura popular local; rodas de conversa sobre assuntos diversos; pintura lúdicas no corpo e rosto das crianças; escultura de balão; exposição de artesanatos e comidas típicas em formato de feira comunitária; campeonato de xadrez; bambolê etc. Além dessa diversidade, o Sarau conta com ações fixas, realizadas em todas as edições, como cama-elástica para as crianças; lanche grátis para todas as pessoas presentes, custeado por contribuições voluntárias; biblioteca comunitária - constituída por doações e atuante a partir da exposição e empréstimo de livros-; mesas de xadrez disponíveis e microfone aberto para livre expressão.

Para além do fomento de arte e cultura, outro aspecto fundamental do Sarau da Costeira diz respeito à promoção da socialização comunitária, entendida como fator de desenvolvimento infantil. Segundo as conclusões da abordagem histórico-cultural quanto ao desenvolvimento humano, especificamente com Vygotsky (1988),

[...] são as interações sociais que fornecem instrumentos e símbolos carregados de cultura, os quais fazem a mediação do indivíduo com o mundo, fornecendo-lhe elementos para a formação dos mecanismos psicológicos, fundamentais para as aprendizagens e o desenvolvimento (Leite; Leite; Prandi, 2009, p. 205).

O que permite promover as condições ideais ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo de nossas crianças. Ainda, em contextos de privação e negação de direitos, violência e sofrimento diários, muitas vezes o único modelo de sociabilidade tido como referência por crianças de periferia é o da brutalidade das relações, do desprezo pelo outro e do individualismo. Assim, com o objetivo de mostrar que outras formas de ser e estar no mundo são possíveis, tanto o coletivo realizador do evento quanto a organização do ambiente, as pessoas e as relações vividas no dia do Sarau são de alegria, solidariedade e trabalho em equipe, de modo a produzir valores nas crianças, que são “[...] profundamente marcadas pelo meio social em que se desenvolvem [...]” (Brasil, 1998, p. 21). O que reforça o caráter pedagógico e antirracista, intencional das atividades realizadas, subsidiadas pela formação em Pedagogia de um dos integrantes da organização que é membro decano do PET Pedagogia UFSC e intelectual orgânico (Jacinto, 2017) do referido movimento social.

Detalhadamente, de que formação humana e cidadã estamos a falar? Aqui chegamos no terceiro pilar do sarau: o da luta de classes articulada a educação antirracista. Devido ao fato de ter surgido no contexto de acirramento da luta de classes no país - com a ascensão do



fascismo bolsonarista -, um dos objetivos centrais do Sarau da Costeira é promover a união e a organização da classe trabalhadora local através da arte e da cultura. Que cultura? Levando em conta que as atrações do Sarau são fortemente marcadas por uma matriz afro-brasileira e popular - como maracatu, roda de côco, batalhas de rap, slams e campeonatos de poesia, apresentações de circo, feira comunitária com, por exemplo, banca de acarajé e artesanatos Kaingangs -, nossa marca é de uma educação popular e intercultural, em consonância com a urgência de se atuar pela valorização e reconhecimento da diversidade e com as leis 10.639/03⁵ e 11.645/08⁶, que versam sobre a necessidade do reconhecimento e promoção das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas. Assim, mais uma vez, pelo exemplo dos adultos de referência, nossas crianças vão sendo formadas com e para a consciência de si e do mundo em que vivem, a partir de uma prática pedagógica popular, intercultural e anticapitalista (Sacavino, 2016, p. 20).

Em virtude dos fatos mencionados, ressaltamos a importância deste evento no quadro de atividades desenvolvidas pelo PET do Curso de Pedagogia da UFSC, por proporcionar um espaço dual: tanto para a formação de graduandos quanto para o retorno social. O Sarau da Costeira, nesse contexto, torna-se um laboratório vivo de pedagogias engajadas (Hooks, 2013) comprometidas com a transformação social, garantindo a liberdade do conhecimento através da experiência concreta de educação popular que alia teoria e prática, universidade e comunidade, ensino e política. Em consonância com os princípios freirianos (Freire, 2017), o projeto reafirma o papel social da universidade pública e rompe com a lógica tradicional do ensino bancário, pois promove uma escuta ativa dos territórios e valoriza os saberes locais, em especial os saberes produzidos pelas juventudes negras, periféricas e trabalhadoras da Costeira do Pirajubaé.

Dessa forma, o Sarau evidencia, na prática, o que Vigotski (1988) propõe em sua teoria histórico-cultural: que desenvolvimento humano se dá nas interações sociais, mediado por ferramentas simbólicas que nascem da cultura. O projeto constrói um espaço de desenvolvimento integral, como previsto nos marcos curriculares da educação infantil (Brasil,

⁵ Lei 10639/2003 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.

⁶ Lei 11645/2008 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm.



1998), promovendo o crescimento cognitivo, emocional e social das crianças da comunidade. E relembrando o contexto político que impulsionou a criação do Sarau em 2018, sua existência é uma forma concreta de resistência à necropolítica descrita por Mbembe (2018), que opera na lógica de exclusão e morte das populações negras e periféricas. O Sarau, portanto, afirma a vida. O Sarau da Costeira se organiza como movimento contra-hegemônico, antirracista e de classe, promovendo a ocupação dos espaços públicos e a reapropriação do território por seus sujeitos históricos, desafiando as políticas higienistas e de branqueamento denunciadas por Germinatti (2024), que seguem objetivando moldar a cidade de Florianópolis.

REFERÊNCIAS

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 10 mai. 2025.

DAENI, Lucas. **Máquina de fazer vilão.** Abiodum, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 9-13, jun. 2020. Disponível em: <https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/files/2017/12/Abiodum-14-final.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2025.

Escola municipal de Florianópolis apresenta rachaduras e é interditada por recomendação da Defesa Civil. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/05/27/escola-municipal-de-florianopolis-apresenta-rachaduras-e-e-interditada-por-recomendacao-da-defesa-civil.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GERMINATTI, Fernando Tadeu. **A cidade em (re) configuração: Eugenia, Higiene e Saneamento em Florianópolis (1918-1930).** In: XXIV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH MG, 2024, Belo Horizonte. Disponível em:

https://www.encontro2024.mg.anpuh.org/resources/anais/9/anpuh-mgeeh2024/1725309720_ARQUIVO_08dcd0fdc11d0275b479f24cd33d639d.pdf

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JACINTO, Adriana Giaqueto. **Trabalho socioeducativo no Serviço Social à luz de Gramsci: o intelectual orgânico.** Katálysis, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 84-92, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/DPvXpTxCCTxkmfrfNcw8gFG/#:~:text=N%C3%A3o%20h%C3%A1%20um%20receitu%C3%A1rio%20a,uma%20casta%20ou%20um%20sacerd%C3%B3cio>. Acesso em: 28 mai. 2025.



LEITE, C. A. R.; LEITE, E. C. R.; PRANDI, L. R. **A aprendizagem na concepção histórico cultural. Akropolis Umuarama**, v. 17, n. 4, p. 203-210, 2009. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/viewFile/2900/2135>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Prefeitura de Florianópolis triplica o número de sedes do Bairro Educador. PMF, 2022. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?pagina=notpagina¬i=25205>. Acesso em: 27 mai. 2025.

SACAVINO, Susana. **Educação descolonizadora e interculturalidade**. Nova América, Rio de Janeiro, n. 149, p. 18-23, jan. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/revista%20Nueva%20Ame%CC%81rica.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2025.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2005.

SCHU, Eduarda. **O papel da socialização na infância**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2022. Disponível em: <https://dspace.ifrs.edu.br/bitstream/handle/123456789/1100/1234567891100.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mai. 2022.

VICENZO, Giacomo. **Guerra às drogas não funciona. O que podemos fazer?** UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/07/13/como-surgiu-a-guerra-as-drogas-por-que-ela-falhou.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.